



PIB brasileiro tem queda recorde de 9,7% no segundo trimestre de 2020

As Figura 1 e 2 trazem os resultados do crescimento do PIB brasileiro nos últimos quatro trimestres, segundo dados das Contas Nacionais Trimestrais divulgados pelo IBGE. Em cada figura, o gráfico da esquerda apresenta os dados pela ótica da oferta, enquanto o da direita retrata os pela ótica da demanda.

Diante dos impactos da pandemia, a economia brasileira encolheu 9,7% no segundo trimestre de 2020 na comparação com o primeiro trimestre do ano. Esse foi o pior resultado da série histórica iniciada em 1996. Em valores correntes, o PIB brasileiro chegou a R\$ 1,653 trilhão.

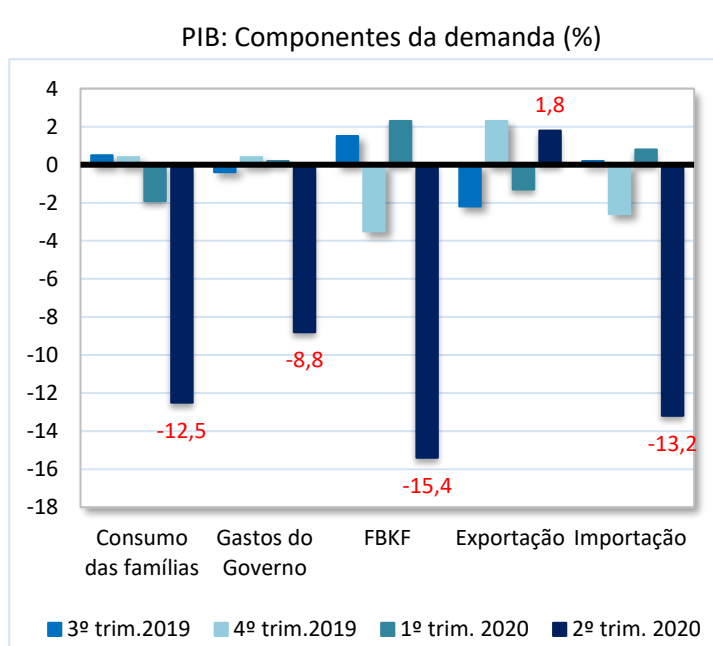
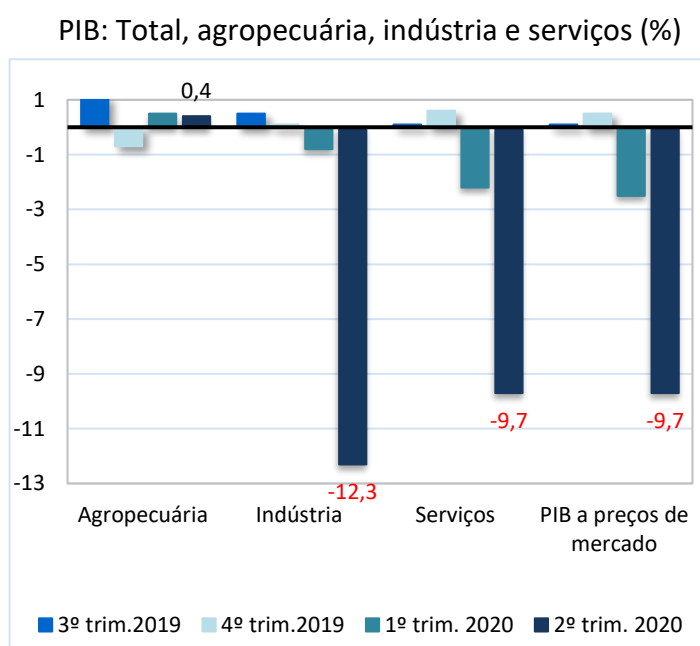
A agropecuária foi o único setor com crescimento, alta de 0,4%, puxada, sobretudo, pela produção de soja e café. Indústria (-12,3%) e serviços (-9,7%) registraram quedas históricas. Na indústria, setor com o maior recuo na produção, o seg-

mento da *indústria de transformação* registrou a variação mais expressiva (-17,5%), seguida pela *construção* (-5,7%). Nos serviços, a maior retração ocorreu em *outras atividades de serviços* (-19,8%), categoria que engloba os serviços prestados às famílias.

Pela ótica da demanda (gráfico da direita na Figura 1), o consumo das famílias, que representa 65% do PIB, assinalou recuo de 12,5%. Segundo o IBGE, a queda no consumo das famílias só não foi mais intensa devido aos programas de transferência de renda do governo e de crédito.

Os investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo) tiveram retração de 15,4%, sendo puxados pela queda na construção e na produção interna de bens de capital. Os gastos do governo (-8,8%) também recuaram, refletindo a redução nos gastos com educação e saúde.

Figura 1. PIB: Taxa trimestre contra trimestre imediatamente anterior (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

Em relação aos componentes do setor externo, as exportações de bens e serviços cresceram 1,8%, devido ao desempenho das *commodities*, produtos alimentícios e petróleo. Já as importações caíram 13,2%.

Na comparação com o segundo trimestre de 2019, o PIB brasileiro caiu 11,4%, conforme mostra a Figura 2. Nessa base de comparação, o recuo também foi recorde e houve crescimento apenas do PIB da agropecuária. A alta de 1,2% no setor foi puxada, principalmente, pelo desempenho de alguns produtos da lavoura que possuem safra relevante no segundo trimestre e pelo aumento da produtividade.

A indústria apresentou queda de 12,7%, a mais intensa da série histórica nessa base de comparação. Entre seus segmentos, a *indústrias de transformação* teve o pior resultado, com uma retração recorde de 20%, influenciada pelo recuo na fabricação de veículos; em outros produtos de transporte; em máquinas e equipamentos; e na indústria têxtil e artigos de vestuário. A atividade da

construção (-11,1%) assinalou o segundo recuo mais expressivo da série histórica.

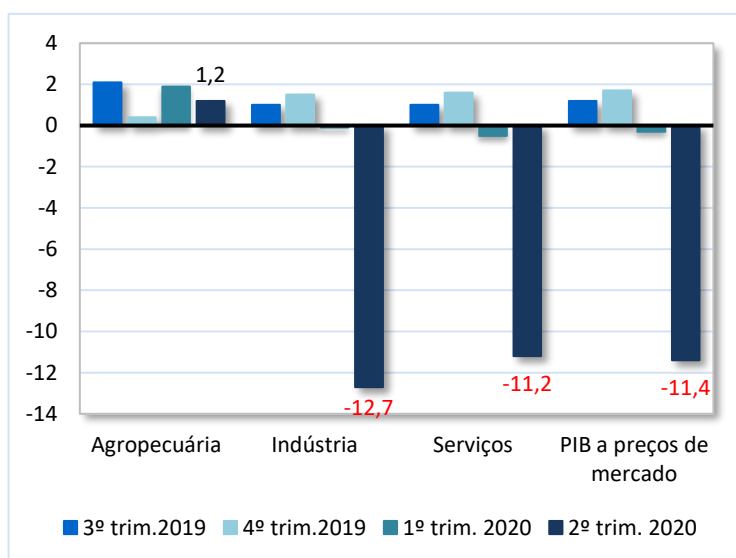
O PIB do setor de serviços recuou 11,2%, também a maior retração da série histórica, com destaque para os segmentos de *outras atividades de serviços* (-23,6%) e *transporte, armazenagem e correio* (-20,8%).

Dentre os componentes da demanda, o consumo das famílias caiu 13,5%. A queda recorde foi influenciada pelo distanciamento social e paralisação das atividades, especialmente de serviços prestados às famílias, além da redução da massa salarial e aumento da incerteza no período.

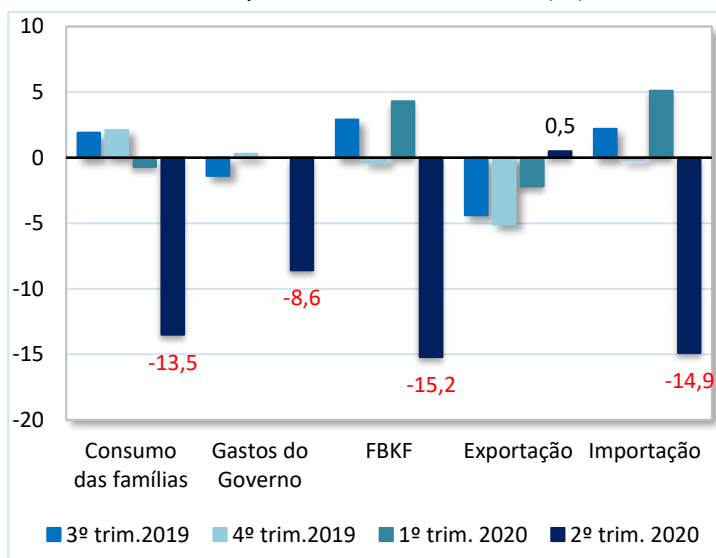
Os investimentos recuaram 15,2%, com quedas na produção interna de bens de capital e na construção. Os gastos do governo caíram 8,6% em relação ao segundo trimestre de 2019. No setor externo, as exportações cresceram 0,5%, enquanto as importações recuaram 14,9% frente ao mesmo trimestre de 2019.

Figura 2. PIB do Brasil: Taxa trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)

PIB: Total, agropecuária, indústria e serviços (%)



PIB: componentes da demanda (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Indústria esboça uma recuperação e registra alta em julho

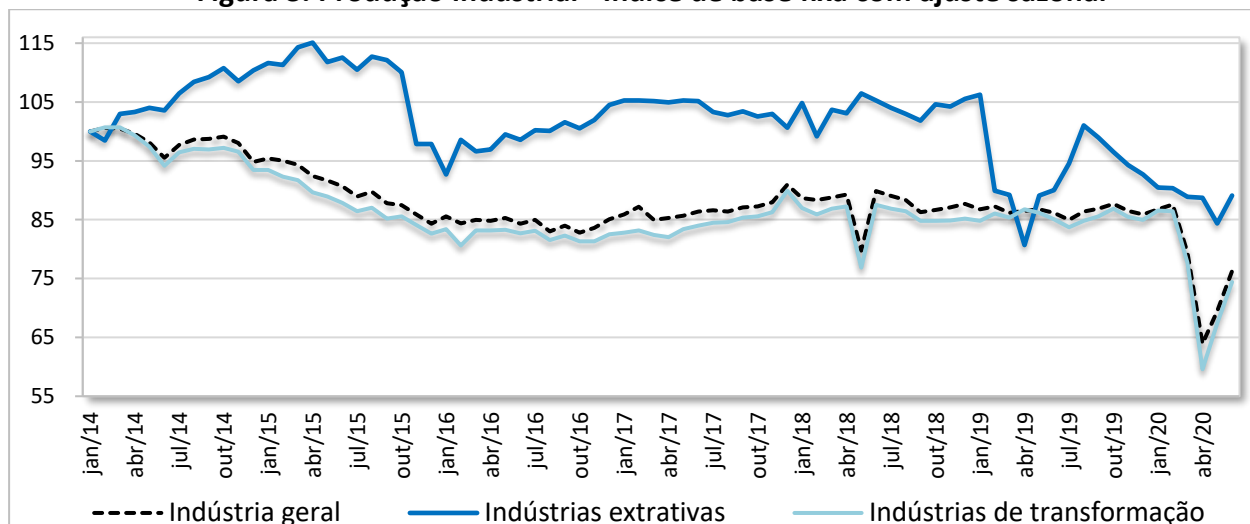
A Figura 3 traz dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Segundo a pesquisa, a produção industrial cresceu 8,0% em julho, acumulando a terceira alta consecutiva na comparação mensal. O resultado, entretanto, não elimina a perda de 27% acumulada entre março e abril.

Entre as atividades, houve alta em 25 dos 26 ramos pesquisados, com *veículos automotores, reboques e carrocerias* (43,9%) assinalando a

maior alta em julho de 2020. As *indústrias extrativas* assinalaram alta de 6,7%.

Na comparação com julho de 2019, a produção industrial caiu 3,2%, nono resultado negativo consecutivo nessa base de comparação, com recuo em 11 dos 26 ramos de atividade.

Figura 3. Produção Industrial - Índice de base fixa com ajuste sazonal



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física. Período: Jan./14 a Jul./20.

Mercado de Trabalho registra queda recorde na ocupação, mas emprego formal tem saldo positivo em julho

As Figuras 4, 5 e 6 trazem informações do mercado de trabalho. Nas Figuras 3 e 4 são apresentando dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), enquanto a Figura 5 do emprego formal do CAGED.

A Figura 4 mostra que a taxa de desemprego chegou a 13,3% no trimestre móvel encerrado em junho, o que corresponde a 12,8 milhões

de desempregados. O resultado representa alta de 1,1 p.p. frente ao trimestre encerrado em março. Houve aumento de 1,3 p.p., na comparação com igual período do ano anterior.

A Figura 5 retrata a evolução da população ocupada. Segundo o IBGE, o contingente de ocupados atingiu o menor patamar da série histórica iniciada em 2012, registrando queda recorde de 9,6%



Prof. Dr. Luciano Nakabashi

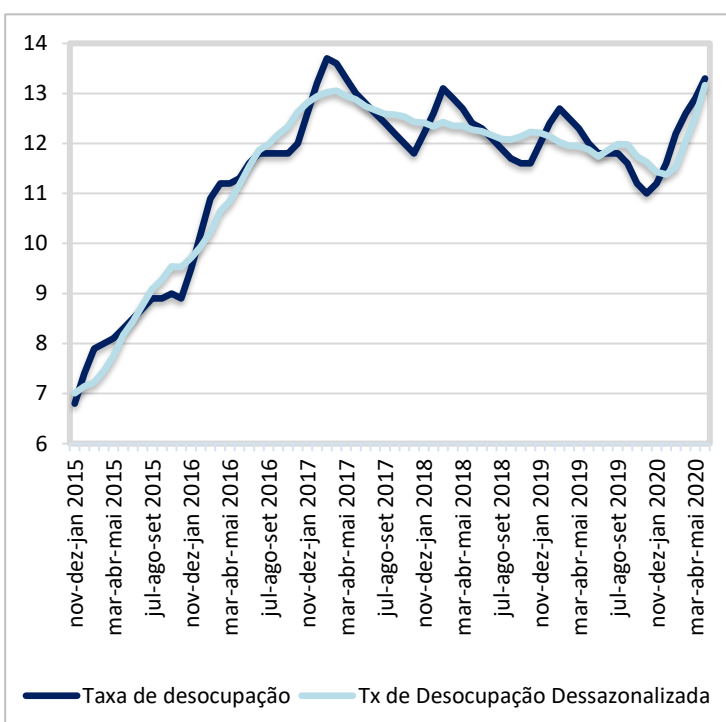
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

na comparação com o trimestre anterior, ou seja, perda de 8,9 milhões de empregos.

Na comparação com o mesmo trimestre de 2019, a população ocupada registrou retração de 10,7%. Nessa base de comparação, as maiores quedas ocorreram nas categorias *empregados*

sem carteira (-24,9%) e de *trabalhadores domésticos* (-24,6%). *Conta própria* (-10,3%), *empregador* (-9,5%), *empregados com carteira assinada* (-9,2%) também apresentaram variação negativa. Houve crescimento apenas no contingente de *empregados no setor público* (6,0%).

Figura 4. Taxa de Desocupação (%)

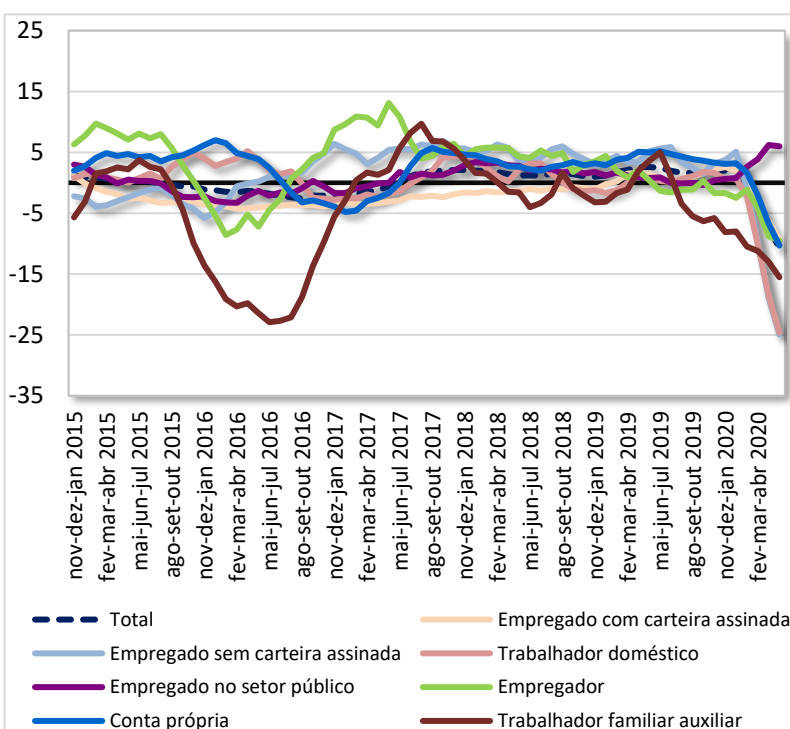


Fonte: IBGE/ PNAD Contínua

Na Figura 6 os dados são do emprego formal. Após quatro meses consecutivos registrando destruição de vagas com carteira assinada, o Brasil criou 131.010 empregos formais em julho de 2020. O setor da indústria foi o que mais gerou vagas, registrando crescimento de 53.590 postos de trabalho.

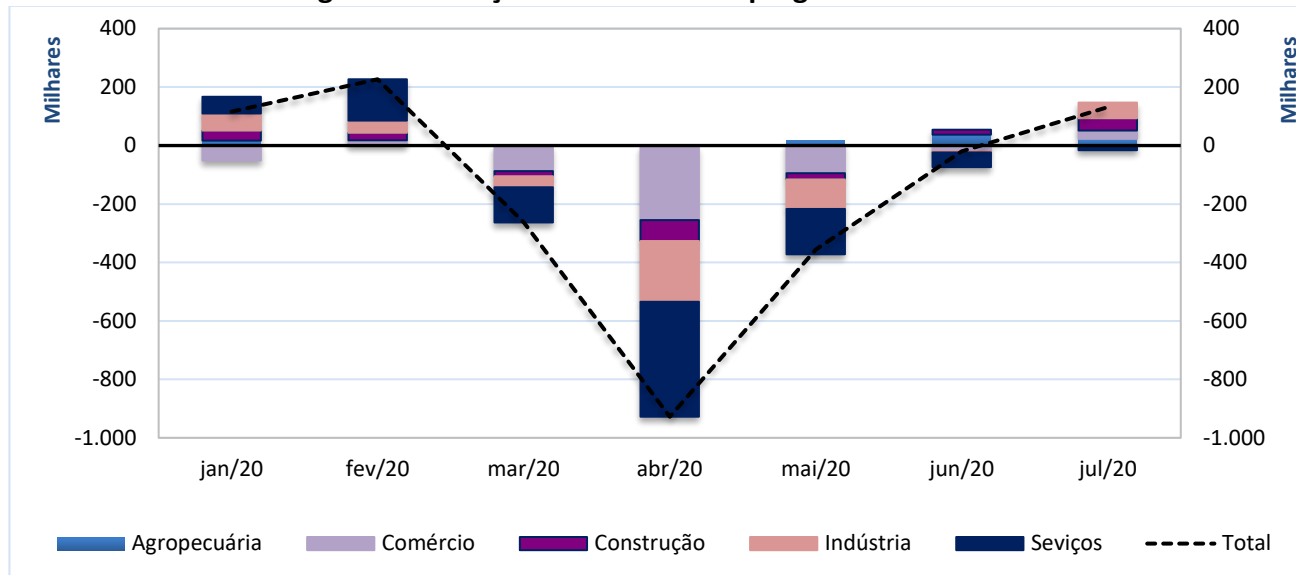
Na sequência aparecem construção civil (41.986 vagas) e comércio (28.383 vagas). A agropecuária (23.027 vagas) também registrou saldo

Figura 5. População Ocupada (%)



positivo. Apenas o setor de serviços demitiu, registrando perda de 15.948 vagas em julho.

No acumulado dos sete primeiros meses do ano foram fechados 1,092 milhão de postos de trabalho formais. O pior resultado foi registrado em abril, com destruição de 927.598 vagas formais. Nesse período (sete primeiros meses do ano), serviços e comércio destruíram 536.492 e 453.405 vagas de trabalho, respectivamente.

**Figura 6. Evolução do Saldo do Emprego Formal - Brasil**

Fonte: Novo Caged.

Melhora na confiança

A Figura 7 apresenta os índices de confiança do consumidor, indústria, serviços, comércio e construção civil da FGV. A Tabela 1 mostra os indicadores de disseminação da confiança em agosto de 2020.

O índice de confiança do consumidor subiu 1,4 ponto em agosto de 2020, chegando aos 80,2 pontos, mesmo patamar de março. Houve desaceleração no ritmo da recuperação iniciada em maio. Segundo a FGV, o resultado de agosto evidencia expressiva heterogeneidade entre as classes de renda com queda na confiança dos consumidores de renda baixa, com os consumidores de maior poder aquisitivo dando preferência à poupança e recuperação na confiança dos consumidores de classes intermediárias.

Na indústria, a confiança manteve a recuperação iniciada nos últimos meses, alcançado 98,7 pontos em agosto, avanço de 8,9 pontos em relação a julho. Além disso, a confiança no setor foi disseminada, com 18 dos 19 segmentos registrando alta.

O índice de confiança no setor de serviços avançou para 85 pontos em agosto, alta de 6 pontos frente ao mês anterior. Segundo a FGV, a confiança no setor segue trajetória de recuperação e tem evoluído com as medidas de flexibilização, mas alguns segmentos ainda encontram obstáculos e a elevada incerteza dificulta a projeção de um cenário mais otimista.

A confiança no setor de comércio segue tendência de recuperação e avançou 10,5 pontos em agosto, a quarta alta consecutiva, atingindo 96,6 pontos. No mês, houve alta em todos os segmentos, conforme retratado na Tabela 1. O setor já conseguiu recuperar 92% da confiança perdida desde o início da pandemia e o resultado foi influenciado pela melhora da percepção sobre o momento atual.

Segundo a FGV, “apesar dos resultados positivos, a velocidade da recuperação não tem sido homogênea entre os segmentos. Além disso, os consumidores estão se mostrando cautelosos e a



Prof. Dr. Luciano Nakabashi

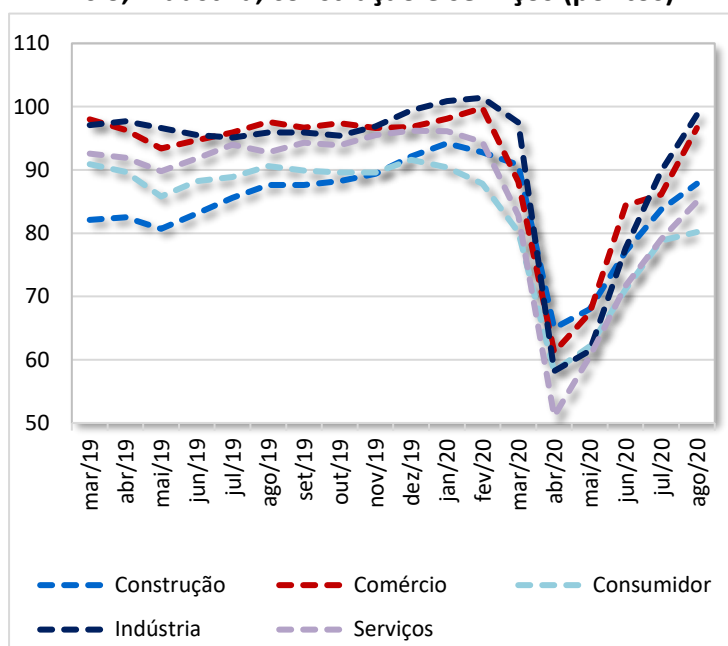
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

incerteza se mantém elevada, dificultando a elaboração de cenários mais claros da tendência da confiança nos próximos meses”.

Por fim, o índice de confiança da construção registrou 87,8 pontos, alta de 4,1 pontos

frente a julho. Após acumular alta por quatro meses consecutivos, o índice recuperou 82% dos pontos perdidos em março e abril. Porém, durante a pandemia muitos negócios foram adiados ou cancelados e a retomada está sendo mais difícil para algumas empresas.

Figura 7. Índices de Confiança: consumidor, comércio, indústria, construção e serviços (pontos)



Fonte: IBRE/FGV. Período: Mar./2019 a Ago./2020.

Tabela 1. Disseminação de alta da Confiança no mês (número de segmentos com a confiança em alta na margem, com ajuste sazonal)

Setores	Alta	Estável	Queda	Total	Proporção em alta em agosto	Proporção em alta no mês anterior
Indústria	18	0	1	19	95%	95%
Serviços	12	0	1	13	92%	92%
Comércio	6	0	0	6	100%	50%
Construção	9	0	2	11	82%	100%
ICE	45	0	4	49	92%	90%

Alta nos preços da gasolina e dos alimentos puxa inflação de agosto

A Tabela 2 apresenta dados da inflação, mensurada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), para os meses de julho e agosto. Segundo o IBGE, o IPCA subiu 0,24% em agosto. Apesar da desaceleração em relação ao mês de julho (0,36%), esse foi o terceiro avanço seguido e o maior resultado para o mês de agosto desde 2016, quando o IPCA foi de 0,44%.

Dos nove grupos, seis registraram alta, com destaque para *transportes* (0,82%) e *alimentação e bebidas* (0,78%). Entre os itens com as maiores altas

em agosto, estão tomate (12,98%), óleo de soja (9,48%), leite longa vida (4,84%), frutas (3,37%), carnes (3,33%) e arroz (3,08%).

Em 12 meses, a inflação registrou alta de 2,44%, abaixo do piso da meta para o ano, que é de 2,5%. Segundo o IBGE o aumento nos preços dos alimentos está associado a alta do dólar e o aumento da demanda externa, com elevação das exportações de produtos como arroz. Além disso, houve impacto do auxílio emergencial, elevando a demanda por alimentos.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

Tabela 2. IPCA - Variação mensal, acumulada no ano (%)

Geral, grupo, subgrupo, item e subitem	Variação mensal		Variação acum. no ano	
	julho 2020	agosto 2020	julho 2020	agosto 2020
Índice geral	0,36	0,24	0,46	0,70
1.Alimentação e bebidas	0,01	0,78	4,10	4,91
2.Habituação	0,80	0,36	0,76	1,12
3.Artigos de residência	0,90	0,56	0,16	0,72
4.Vestuário	-0,52	-0,78	-2,44	-3,21
5.Transportes	0,78	0,82	-4,25	-3,46
6.Saúde e cuidados pessoais	0,44	0,50	1,09	1,60
7.Despesas pessoais	-0,11	-0,01	0,10	0,08
8.Educação	-0,12	-3,47	4,42	0,79
9.Comunicação	0,51	0,67	1,67	2,35

Fonte: IBGE.

Conclusões

Os dados apresentados revelam fortes impactos da pandemia no desempenho da economia brasileira no segundo trimestre, com queda recorde no PIB brasileiro, redução na produção industrial, perdas de vagas de emprego formal, sobretudo em abril e aumento do desemprego.

Com a retomada da atividade, os dados de julho e agosto sinalizam recuperação nos empregos, aumento na produção da indústria e melhora nos indicadores de confiança.

As medidas de auxílio emergencial tiveram reflexos positivos no consumo, contribuindo para aumento das vendas em alguns setores. Porém, o ritmo das atividades até o fim do ano esbarra ainda em um quadro de incerteza e, num horizonte de médio a longo prazo, na situação fiscal do setor público.